

A APOTEOSE DE MAGNO POMPEU NA *FARSÁLIA* DE LUCANO

Fabricio Possebonⁱ

Gracilene Felix Medeirosⁱⁱ

Resumo: O gênero épico sofreu algumas alterações com o passar do tempo. Estas mudanças ocorrem juntamente com transformações sociais, políticas e principalmente religiosas. Dentro deste contexto, é produzido o *Bellum Civile*, “A guerra civil”, obra de Lucano, que rompe com vários paradigmas da tradição com relação aos aspectos religiosos, míticos e filosóficos do texto épico. A *Farsália* narra a guerra civil entre César e Pompeu, perdida por este a principal batalha. Contudo, propomo-nos a destacar, por meio de nossa tradução dos cem versos iniciais, que no livro IX da epopeia, o poeta faz uma homenagem a Pompeu e exalta a sua vida através da apoteose de sua alma.

Palavras-chave: Épica; *Farsália*; Magno Pompeu.

Abstract: Epic genre has changed over time. This occurred with social, political and chiefly religious changes. In this context, *Bellum Civile*, that is, *The civil war*, Lucan's main work, appears and breaks with some traditional paradigms related to religious, mythical and philosophical aspects of the epic text. *Pharsalia* narrates the civil war between Caesar and Pompey. Pompey was finally defeated in the main battle, but we propose to show, through one hundred translated verses, the homage to Pompey made by the poet Lucan. He also glorifies Pompey's life through the apotheosis of his soul, in the ninth book.

Keywords: epic poetry; *Pharsalia*; Pompey the Great

INTRODUÇÃO

Marcus Annaeus Lucanus, Lucano (39-65 d.C.) nasceu em Córdoba e viveu em Roma. Ele tinha como anseio o retorno da *paz augusta*, ideia que também era propagada por Nero, que tentou praticá-la nos primeiros anos de seu governo. Porém, o poder o corrompeu e isso provocou uma conspiração, a conspiração de Pisão, da qual Lucano fez parte. Por isso, ele foi condenado à morte em 65 d.C..

Lucano era estoico e buscava a liberdade, que para ele se encontrava nos rumores que ouvia sobre a República perdida. Ele vivia uma filosofia quase religiosa, não teórica como temos hoje:

A filosofia é, para nós, um sistema teórico, uma grade interpretativa. Os antigos esperavam dela outra coisa, totalmente diferente. Não se tratava, para eles, de fornecer ferramentas de análise para o simples prazer de compreender, mas, antes de tudo, de, por meio dela, chegar a construir um modelo de vida e, portanto, de propor um caminho para a felicidade. (DUHOT, 2006, p.55-56)

E foi baseado nesse modelo filosófico, que Lucano produziu o *Bellum Civile*, mais conhecido como *Farsália*. A obra é um poema épico que rompe com a forma tradicional. Seja pela falta de uma Invocação a uma divindade, no Proêmio, ou por não ter um Epílogo, já que termina abruptamente, além de iniciar com os primeiros motivos que levaram à guerra. Dessa maneira, o texto segue a ordem dos acontecimentos, contradizendo Horácio, que diz em sua *Carta aos Pisões*, que o poema épico começa *in medias res*, isto é, no meio das coisas, dos acontecimentos, para depois, retomar o início dos fatos pela narração de um dos personagens.

O poema de Lucano é inovador. Segundo o estudo feito pela tradução da Gredosⁱⁱⁱ, a sua obra foi muito reproduzida nos primeiros séculos da Idade Média: “Durante a Idade Média, desde Prisciano até Dante, a *Farsália* é, junto à *Eneida*, o poema épico mais popular e conhecido. Prisciano toma para sua Gramática tal quantidade de exemplos de nosso poeta (...)” (FARSÁLIA, 2002, p. 51)^{iv}. Mas, com o classicismo e a volta ao clássico, Lucano perdeu espaço porque propunha o novo, o original, algo não valorizado no classicismo, nem no neoclassicismo, tampouco nos primeiros momentos da literatura latina, pois, nesses períodos, escrevia bem quem melhor imitava.

Lucano viveu em uma época de transição, de mudanças religiosas e políticas, a cada novo imperador. Por isso, seu texto apresenta tantas opções: o tradicional, o novo, as rupturas, as cópias, as contradições e os “antis”: anti-império, antivirgílio, antieneida, ou, simplesmente, seu poema mostra a sua verdade.

1. A NARRATIVA DA FARSÁLIA

Lucano escreve um poema épico de tema histórico-nacional, dividido em um Proêmio com a Proposição de cantar as Guerras mais que Civis^v, com um Elogio a Nero, o imperador, ao invés de uma Invocação aos deuses, seguindo com a Narração. O poema termina de forma abrupta, sem Epílogo, sem uma conclusão para os acontecimentos. A obra está dividida em dez livros, escrita em hexâmetros, contendo sete mil e trezentos e oitenta e seis versos.

O poema canta a guerra civil, ocorrida entre os anos de 49 a.C. e 45 a.C., porém, a *Farsália* detém-se a cantar o período entre 49 a.C. e 48 a.C, este último foi o ano da morte de Pompeu. Essa guerra resultou de uma série de entraves entre os Cônsules romanos César e Pompeu, os quais formaram o primeiro “Triunvirato”, juntamente com Crasso. Os três dividiram o poder e o consulado romanos. Além disso, César e Pompeu tinham um parentesco, pois César casara sua filha, Júlia, com Pompeu.

Esse primeiro “Triunvirato” foi formado em 60 a.C., e durou até a morte de Crasso em 53 a.C.. Com a morte de Crasso e depois a de Júlia, César e o genro perderam os laços, e o senado instigava Pompeu a ser eleito Cônsul sem colega. Desta forma, César pediu para cumprir os cinco anos que tinha para conquistar a Gália, e assim ficou, até que em janeiro de 49 a. C. o senado não aceitou mais a fala dos tribunos de César e tirou seus poderes políticos. Logo, César decidiu ultrapassar os limites de sua província, atravessando o Rubicão, e dando início à guerra civil.

A guerra consiste em César adentrando ao território da Itália e Pompeu fugindo com o senado, porque ali não tinha força militar suficiente para enfrentá-lo. Isso faz com que Magno abandone Roma e siga para as cidades costeiras até a Grécia. César se instala em Roma e é decretado ditador absoluto, depois vai ao encalço de seu inimigo. Chegando os dois na região da Tessália, Pompeu lidera os combates e aí, na planície de Farsália, César ganha a batalha. Pompeu foge mais uma vez e vai para o Egito, onde é assassinado a mando do rei Ptolomeu. César vai ao Egito faz as honras fúnebres a Pompeu, exige a morte do assassino do Cônsul romano, e volta para Roma, onde é assassinado em 44 a.C., em pleno senado.

2. A APOTEOSE DE POMPEU

Magno Pompeu foi um grande general, conquistou e dominou muitas terras para Roma. Liderava muitas legiões e dentre as mais importantes estava a da Espanha, onde ele era procônsul. Ele adquiriu muito prestígio e se tornou o Cônsul mais influente para o senado e para a República.

No Livro VII da *Farsália*, temos a dimensão dos feitos de Pompeu através dos sonhos que retomam sua vida gloriosa. Esse livro começa com Pompeu sonhando com suas passagens vitoriosas em Roma, a cada conquista realizada e as honras que recebera por tudo que fizera em sua vida política.

Mas, seguindo a narrativa, Pompeu chega a um impasse, pois diante de tantas perseguições e fugas, os chefes estrangeiros que o apoiavam, cobravam dele uma posição definitiva, porque esses já pensavam em desistir da ajuda que lhe ofereceram. Então, Pompeu anuncia que as tropas estão prontas para o combate. César, informando-se da decisão de Magno, passa a instigar suas tropas e Pompeu faz o mesmo.

E é na planície de Farsália, na região da Tessália, na Grécia, que os combates se iniciam. Pompeu perde a batalha, foge e vai em busca de sua esposa Cornélia. Eles partem para a Cilícia, onde há um conselho de guerra. Pompeu opta por ir rumo a Líbia, mas os seus companheiros aconselham-no a seguir para o Egito, visto que ele tinha ajudado o rei a conquistar o trono. Então, baseando-se nisso, Lântulo discursa e convence a todos de que é melhor que Pompeu vá para o Egito.

Pompeu e Cornélia vão para a terra dos Faraós. Porém, lá, houvera um conselho e os conselheiros do rei direcionam-no a mandar matar Pompeu. E assim acontece, chegando às terras egípcias, Pompeu é assassinado e decapitado. Seu corpo fica abandonado ainda nas águas que o trouxeram ali e sua cabeça é espetada numa lança para que o vencedor da guerra civil receba-a como um presente. Vendo tudo isso, ao longe, Cornélia chora desesperadamente. O corpo de Pompeu é cremado, mas, separado da cabeça e sob sua tumba colocaram: “Aqui jaz Magno Pompeu”.

Entretanto, baseando-se no estoicismo presente em todo o poema, no Livro IX, temos a apoteose de Pompeu, pois de acordo com a concepção estoica, todas as almas^{vi} justas são elevadas ao céu e elas ficam na mesma órbita da Lua. Deste modo, sendo Pompeu um homem justo, a partir das perspectivas de quem queria a permanência da República romana, então sua alma, nesta narrativa, sobe ao céu, mas antes se hospeda no peito de Bruto dando-lhe impulsão para continuar a guerra e desencadear os eventos futuros, como o assassinato de César; e se aloja na mente de Catão, para que ele discirna o melhor caminho para os combatentes, que agora estavam sem seu líder. A alma de Magno Pompeu antes de sua elevação delega funções, exigindo que esses vinguem sua morte.

Catão toma a frente do exército pompeano, entretanto, antes de tomar as decisões das futuras ações, ele, Cornélia e outros pompeanos fazem as honras fúnebres ao Magno Pompeu. Em seguida, Catão parte com o exército rumo a Líbia, há algumas tentativas de deserção, porém foram controladas. Eles passam por

muitas adversidades, todavia, os soldados, diante da firmeza e obstinação de Catão, não desistiram. E assim, eles o seguiram até Léptis, cidade da Líbia.

Depois da vitória, César parte para o Egito. Ele descobre o que ocorrera com Pompeu e exige que os assassinos sejam punidos por terem matado um cidadão e mais: um Cônsul romano. César também reclama as honras fúnebres que foram negadas a Magno Pompeu. Depois disso, César se encontra em um jantar no palácio, já com Cleópatra como rainha, quando começa um motim e, nesse episódio, a obra acaba.

O poema é interrompido de forma abrupta, possivelmente devido à morte de Lucano. Contudo, percebemos que a *Farsália* é um poema riquíssimo, formado por diversos valores: míticos, filosóficos e políticos, além de conter diversas formas de expressões de religiosidade, como as honras fúnebres por exemplo. A *Farsália* narra o transcendente, o sagrado e o maravilhoso, porém, com um olhar mais humano do que divino.

3. ORIGINAL LATINO E TRADUÇÃO

LUCANI BELLI CIVILIS LIBER NONUS, 1-100

At non in Pharia manes iacuere fauilla nec cinis exiguus tantam conpescuit umbram; prosiluit busto semustaque membra relinquens degeneremque rogam sequitur conuexa Tonantis. qua niger astriferis conectitur axibus aer	5
quodque patet terras inter lunaequae meatus, semidei manes habitant, quos ignea uirtus innocuos uita patientes aetheris imi fecit et aeternos animam collegit in orbes: non illuc auro positi nec ture sepulti	10
perueniunt. illic postquam se lumine uero inpleuit, stellasque uagas miratus et astra fixa polis, uidit quanta sub nocte iaceret nostra dies risitque sui ludibria trunci. hinc super Emathiae campos et signa cruenti	15
Caesaris ac sparsas uolitaui in aequore classes, et scelerum uindex in sancto pectore Bruti sedit et inuicti posuit se mente Catonis. ille, ubi pendebant casus dubiumque manebat	20
quem dominum mundi facerent ciuilia bella, oderat et Magnum, quamuis comes isset in arma auspiciis raptus patriae ductuque senatus;	

at post Thessalicas clades iam pectore toto
Pompeianus erat. patriam tutore carentem
exceptit, populi trepidantia membra refouit, 25
ignavis manibus proiectos reddidit enses,
nec regnum cupiens gessit ciuilia bella
nec seruire timens. nil causa fecit in armis
ille sua: totae post Magni funera partes
libertatis erant. quas ne per litora fusas 30
colligeret rapido uictoria Caesaris actu,
Corcyrae secreta petit ac mille carinis
abstulit Emathiae secum fragmenta ruinae.
quis ratibus tantis fugientia crederet ire
agmina, quis pelagus uictas artasse carinas? 35
Dorida tum Malean et apertam Taenaron umbris,
inde Cythera petit, Boreaue urgente carinas
Graia fugit, Dictaea legit cedentibus undis
litora. tunc ausum classi praecludere portus
inpulit ac saeuas meritum Phycunta rapinas 40
sparsit, et hinc placidis alto delabitur auris
in litus, Palinure, tuum (neque enim aequore tantum
Ausonio monumenta tenes, portusque quietos
testatur Libye Phrygio placuisse magistro),
cum procul ex alto tendentes uela carinae 45
ancipites tenuere animos, sociosne malorum
an ueherent hostes: praeceps facit omne timendum
uictor, et in nulla non creditur esse carina.
ast illae puppes luctus planctusque ferebant
et mala uel duri lacrimas motura Catonis. 50
nam, postquam frustra precibus Cornelia nautas
priuignique fugam tenuit, ne forte repulsus
litoribus Phariis remearet in aequora truncus,
ostenditque rogam non iusti flamma sepulchri,
'ergo indigna fui,' dixit 'Fortuna, marito 55
accendisse rogam gelidosque effusa per artus
incubuisse uiro, laceros exurere crines
membraque dispersi pelago componere Magni,
uolneribus cunctis largos infundere fletus,
ossibus et tepida uestes implere fauilla, 60
quidquid ab exstincto licuisset tollere busto
in templis sparsura deum. sine funeris ullo
ardet honore rogam; manus hoc Aegyptia forsan
obtulit officium graue manibus. o bene nudi
Crassorum cineres: Pompeio contigit ignis 65
inuidia maiore deum. similisne malorum
sors mihi semper erit? numquam dare iusta licebit
coniugibus? numquam plenas plangemus ad urnas?
quid porro tumulis opus est aut ulla requiris
instrumenta, dolor? non toto in pectore portas, 70
in pia, Pompeium? non imis haeret imago
uisceribus? quaerat cineres uictura superstes.

nunc tamen, hinc longe qui fulget luce maligna, ignis adhuc aliquid Phario de litore surgens ostendit mihi, Magne, tui. iam flamma resedit,	75
Pompeiumque ferens uanescit solis ad ortus fumus, et inuisi tendunt mihi carbasa uenti. linquere, siqua fides, Pelusia litora nolo.	83
non mihi nunc tellus Pompeio siqua triumphos uicta dedit, non alta terens Capitolia currus gratior; elapsus felix de pectore Magnus: hunc uolumus quem Nilus habet, terraeque nocenti non haerere queror; crimen commendat harenas.	78
tu pete bellorum casus et signa per orbem, Sexte, paterna moue; namque haec mandata reliquit Pompeius uobis in nostra condita cura: "me cum fatalis leto damnauerit hora, excipite, o nati, bellum ciuile, nec umquam, dum terris aliquis nostra de stirpe manebit, Caesaribus regnare uacet. uel sceptrum uel urbes libertate sua ualidas inpellite fama nominis: has uobis partes, haec arma relinquo. inueniet classes quisquis Pompeius in undas uenerit, et noster nullis non gentibus heres bella dabit: tantum indomitos memoresque paterni iuris habete animos. uni parere decebit, si faciet partes pro libertate, Catoni." exsolui tibi, Magne, fidem, mandata peregi; insidiae ualere tuae, deceptaque uixi ne mihi commissas auferrem perfida uoces.	84
	90
	95
	100

GUERRA CIVIL de LUCANO, LIVRO NONO, 1-100

Os manes não ficaram na fogueira egípcia, nem a pouca cinza conteve a sombra de Pompeu, que se lançou da pira, deixando o abrasado corpo, e seguiu a ímpia chama ao palácio de Júpiter, onde a negra nuvem une-se aos eixos celestes, onde o curso da lua estende-se entre a terra.	5
Lá os manes semideuses moram, a ígnea virtude fez suaves, por causa de sua vida, os sofredores do imo éter, e recolheu a sua alma nos eternos orbes, não chegaram lá aqueles sepultados com ouro, nem com incenso. Quando se encheu da verdadeira luz, tendo visto no céu estrelas errantes e astros fixos, Pompeu viu sob quão grande noite repousava o nosso dia e riu insolentemente de seu tronco sem cabeça.	10
Sobre os campos farsálios, os estandartes do cruel César e as tropas dispersas no mar, voou, e, vingador de crimes, no santo peito de Bruto assentou-se e se pôs na mente do invencível Catão,	15

que odiara, quando eventos eram iminentes e restava
dúvida, quem as guerras civis fariam senhor do mundo 20
e também Pompeu, ainda que companheiro seu de armas,
arrastado pelos pátrios presságios e condução do senado;
mas depois dos desastres tessálicos, já com todo o peito
era pompeano, e como tutor acolheu a pátria carente
e reanimou os membros trepidantes do povo, 25
e a mãos ociosas restituiu espadas abandonadas,
e moveu guerras civis, sem desejar o reinado
e sem temer a escravidão. Em causa própria, nada fez
com armas. Depois dos funerais de Pompeu, eram
de liberdade todas as causas não dispersas pelos litorais, 30
que a vitória pela ação de César logo reuniria.
Catão dirigiu-se às moradas de Corcira e com mil barcos
levou consigo os espólios da ruína farsália.
Quem acreditaria que com tantas naus o exército
fugiria, que o mar reuniria os vencidos barcos? 35
Dirige-se a Dórida, logo a Málea e a Tenaro sem sombras,
e de lá a Citera, e, por causa do Bóreas, perseguidor de naus,
evita a Grécia e percorre o litoral cretense de ondas
moventes. Então àquela que ousou fechar os portos
à frota, Catão ataca, lançando cruéis saques à merecida 40
Ficunta, e de lá do alto desce com plácidos ventos
ao teu litoral, ó Palinuro (não tens monumentos tantos
no mar romano, e os calmos portos testemunham
que a Líbia agradou ao mestre troiano Enéas).
Como lá os barcos de velas içadas tinham ânimos 45
hesitantes, se levavam seus companheiros de infortúnios
ou inimigos, César, vencedor ligeiro, fez tudo ser temido,
que ninguém não cresse que ele estivesse em um barco.
Mas aqueles barcos levavam dores, prantos e males
ou o que há de mover as lágrimas até do duro Catão. 50
Depois que Cornélia em vão com preces obteve os nautas
e a fuga do enteado Sexto Pompeu, para que talvez o corpo
de Pompeu não ficasse abandonado junto ao mar dos litorais
egípcios, pois a chama mostra a pira de um sepulcro não justo,
disse: “Fui então indigna, ó Fortuna, de acender a pira 55
a Pompeu, de me deitar, estendida, sobre suas gélidas
juntas, de queimar meus cabelos dilacerados,
de reunir os membros de Pompeu, espalhados no mar,
de verter abundantes lágrimas por todas as feridas,
de encher as vestes com ossos e com a tépida fagulha, 60
de tomar qualquer coisa permitida da extinta pira
para espalhar nos templos dos deuses. Sem aquela
honra, a pira arde; a mão egípcia talvez oferecesse
este grave dever aos manes, ó bem nuas cinzas
dos Crassos: o fogo atingiu Pompeu por causa 65
da maior inveja dos deuses. Semelhantes males a sorte
me reserva? Nunca haverá justiça aos cônjuges?
Nunca choraremos as urnas cheias? Por que a necessidade

de túmulos então, se tens aqueles instrumentos, ó dor? Ou não levas Pompeu, ó impiedosa, em todo o peito? Não se adere a imagem	70
às vísceras interiores? Que procure as cinzas aquela que há de sobreviver! Agora, todavia, com luz maligna refulge o fogo, elevando-se do litoral egípcio ao longe, o qual me mostra a ti, ó Grande. Já assentou a chama, e levando Pompeu, a fumaça desaparece, ao nascer do sol, e invisíveis ventos estendem meus cárbasos.	75
Não quero deixar o litoral egípcio, se confiares.	83
Não tenho terra para mim, se a Pompeu deu triunfos, agora está vencida; não quero o carro mais caro trilhando	78 80
o alto Capitólio, se apagado da memória o feliz Pompeu: queremos este a quem o Nilo tem, e à terra funesta lamento não me juntar. O crime marca suas areias.	
Busca as conjunturas das guerras, pelo orbe,	84
e segue os sinais paternos, ó Sexto, pois estas ordens expressas Pompeu vos deixou, sob nosso cuidado:	85
“Quando a hora fatal me condenar à morte, suportai, ó filhos, a guerra civil, nunca, enquanto alguém de nossa estirpe permanecer na terra, seja permitido aos Césares reinar. Movei os cetros e as fortes cidades pela sua liberdade, por causa da fama do nome, deixo-vos estas terras e este exército.	90
Encontrará frotas quem de Pompeu vier ao mar, e nosso herdeiro dará não poucas guerras aos povos.	
Tendes tantas lembranças e ânimos indomáveis do direito paterno. Será conveniente obedecer a um só, ó Catão, se este reunir os exércitos pela liberdade”	95
Paguei a tua fé, ó Pompeu, encarregada executei, as tuas insídias prevaleceram, e iludida vivi, de modo que eu, pérfida, não recebesse as merecidas vozes.	100

REFERÊNCIAS

- CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. **Literatura de Roma Antiga**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- DUHOT, J. J. **Epicteto e a sabedoria estoica**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2006, P. 55-56. Coleção Leituras Filosóficas.
- HORÁCIO. Carta aos Pisões. In: **A poética clássica**. Tradução: Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- LUCANO. **Farsalia**. Traducción de Antonio Holgado Redondo. Madri: Gredos, 2002.
- LUCANO. **La guerra civile (Farsaglia)**. Volume II. Libri VI-X. A cura de Giovanni Viansino. Milano: Oscar Mondadori, 1995.

NOTAS

ⁱ Doutor em Letras, Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, UFPB. fabriciopossebon@gmail.com

ⁱⁱ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPB. graci_cead@hotmail.com

ⁱⁱⁱ LUCANO. *Farsalia*. Traducción de Antonio Holgado Redondo. Madri: Gredos, 2002, p. 51.

^{iv} Ibidem, p. 51.

^v O poeta canta as guerras mais que civis, por tratar-se de uma guerra, primeiramente, entre parentes, visto que Pompeu fora casado com Júlia, filha de César, a qual veio a morrer. E depois, porque, usando essa expressão, Lucano faz referência à futura guerra de Filipos, que vai ocorrer depois, em 42 a.C., provocada pelos pompeanos, Bruto e Crasso, que são vencidos por Otávio, sobrinho de César, e Marco Antônio, que era seu tenente.

CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 784.

^{vi} “Alma” corresponde ao latim *anima*; “sombra” é *umbra* e “espíritos” são *manes*, na tradução.